

Especialistas divididos sobre alívio de restrições da pandemia

A Direção-Geral da Saúde está a estudar o alívio de restrições, como o uso de máscara em recintos fechados. A opinião dos especialistas não é consensual.

Numa altura em que os números de novos casos de infeções de covid permanecem elevados, mas parecem estar a desacelerar - foram hoje contabilizados 54.693 casos e 49 mortes, quando na quinta, dia 27 de janeiro, foram atingidos os 65.706 casos - a Direção-Geral da Saúde já começou a estudar o possível alívio de restrições após ultrapassado o pico desta quinta vaga.



Pedro Catarino/Cofina Media

Dé a sua opinião

A ideia é que com mais de 90% da população vacinada e uma larga percentagem que já teve contacto com o vírus é possível contar com uma imunidade de grupo que permite regressar a uma normalidade pré-pandemia. Deixar de usar máscara nos espaços públicos fechados, não testar após um contacto com alguém positivo, fim dos isolamentos profiláticos.

Para o parasitologista Miguel Prudêncio, o caminho para a normalização deve ser feito o mais breve possível, sobretudo nas escolas. "Não se justifica que as crianças sem sintomas sejam impedidas de frequentar a escola quando os pais ou irmãos testam positivo", defende o investigador do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes, em Lisboa.

"Há situações em que o aluno não vai à escola durante sete dias porque um dos pais testou positivo. Depois, quando poderia regressar é outro progenitor que testa positivo e a criança falta às aulas duas semanas. Muitas vezes, com a criança a testar sempre negativo."

Outras das regras a alterar seria o isolamento profilático de coabitantes. "Só as pessoas infetadas com sintomas devem ficar em isolamento." Para o investigador, a testagem maciça que esta nova variante provocou detectou sobretudo casos assintomáticos. "Não devíamos estar à procura de infeções assintomáticas. E se a pessoa não tem sintomas, não deve estar em isolamento", considera.

Também o uso obrigatório da máscara em recintos fechados deve ser levantado entretanto, "porque os dados mostram que a infeção por Ómicron causa doença menos grave e o reforço da vacina aumenta a proteção contra a doença grave."

Para o investigador, os números de infeções estão inflacionados com casos assintomáticos e os números de infetados internados e de óbitos podem estar errados. "Não é claro se o número de pessoas nas enfermarias e nos Cuidados Intensivos foram internadas por covid ou com covid. A diferença é muito importante", salienta. "Uma pessoa que partiu a perna, foi hospitalizada e testou positivo no hospital vai para a enfermaria covid. Não está internada por causa da covid."

O mesmo pode estar a acontecer com os óbitos. "Não é claro qual é a causa primária da morte." Clarificar estes dados "é fundamental para gerir a pandemia."

Jaime Nina*Marilene Alves*

É o número de internados e de mortes que impede o infeciologista Jaime Nina de ponderar o alívio das restrições. "Ainda ontem morreram 63 pessoas. Não está afastado o risco deste inverno ser pior do que o do ano passado. Parece-se apenas atrasado", diz à **SÁBADO**.

O especialista considera mesmo ser perigoso falar-se de alívio de restrições. "Temos de olhar para os factos: o Centro Hospitalar Lisboa Ocidental abriu a terceira enfermaria covid e já está cheia!"

Mais: o alívio só deve ser considerado quando forem tomadas medidas que obriguem os espaços públicos fechados a instalar sistemas de ventilação com com filtros anti-infecciosos. "Os países do Norte da Europa que estão a aliviar as restrições já implementaram estas medidas de proteção passiva há dois anos", garante o médico.

Para além destes sistemas de ventilação, recomenda-se a desinfecção dos espaços com lâmpadas ultravioletas. "As escolas já deveriam ter estas lâmpadas, que nem são caras", defende Jaime Nina. "Em Portugal ainda nem sequer se fala disto."

Dê a sua opinião

Lúcio Meneses de Almeida

O médico de Saúde Pública Lúcio Meneses de Almeida considera ser cedo para falar de alívio de restrições. "Deve imperar o bom senso", diz à **SÁBADO**. "Nunca tivemos tantos casos de infetados como agora", salienta. Mas é possível planear para um futuro próximo, "talvez em meados de março."

O alívio das medidas restritivas como o uso obrigatório de máscara deve ser gradual e progressivo e não de um dia para o outro, como fez a Dinamarca. Este país deixou de considerar a covid como doença grave - apesar de registar 40.000 a 50.000 novos casos por dia - e levantou todas as restrições, recomendado o uso de máscara e a apresentação de certificado de vacinação apenas para visitas hospitalares.

Para Lúcio Meneses de Almeida, o uso da máscara vai passar a ser uma decisão individual, baseada na perceção de risco de cada um. Considera ainda que os isolamentos profiláticos deixarão de fazer sentido, "passando a fazer-se uma auto monitorização de sintomas. O mesmo não se passa com o isolamento propriamente dito: "Se a pessoa ficar infetada deve ficar

afastada dos outros, como deveria acontecer com a gripe ou qualquer outra doença de transmissão interpessoal."

O presidente do Conselho Nacional de Ecologia e Promoção da Saúde da Ordem dos Médicos considera mesmo que alguns comportamentos sociais, como os beijos como forma de cumprimento, desapareceram e não vão regressar. "Há um maior distanciamento interpessoal que vai permanecer. São as cicatrizes da doença que ficarão no futuro."

DESCUBRA AS EDIÇÕES DO DIA

Publicamos para si, **em três períodos distintos do dia**, o melhor da atualidade nacional e internacional. Os artigos das **Edições do Dia** estão ordenados cronologicamente **aqui**, para que não perca nada do **melhor que a SÁBADO prepara para si**. Pode também navegar nas edições anteriores, do dia ou da semana

Cidades dos 15 minutos ou a pirâmide invertida

Associação Mutualista Montepio é marca "Cinco Estrelas 2022?"

Dé a sua opinião

Diversidade e Inclusão nas empresas: importância, e desafios

Trabalho em casa? Saiba como se proteger